

OS MAYORUNAO povo Mayoruna

O povo Matses (ou Mayoruna), do tronco lingüístico Pano, mora tradicionalmente na bacia do rio Javari (sudeste do Estado do Amazonas), nas beiras do rio Javari-Jaquirana e nas suas áreas vizinhas, sendo este o principal eixo fluvial da região. Este rio marca a fronteira entre Brasil e Peru. A população Mayoruna é constituída de 1000 a 1100 pessoas. Há atualmente aproximadamente 700 Mayoruna morando no Peru (recenseamento de 1983) e 400 Mayoruna no Brasil (recenseamento de 1982), estes distribuídos da maneira seguinte :

Aldeia 31	: 146 pessoas
PIA Lobo	: 104 pessoas
Lameirão	: 100 pessoas aproximadamente
Santa Sofia	: 31 pessoas
Ituxi	: 25 pessoas aproximadamente.

Segundo um levantamento feito em 1980 por um antropólogo da FUNAI (Terri Vale de Aquino) em todas as aldeias em contato com a FUNAI no lado brasileiro, a grande maioria da população Mayoruna é composta de crianças (de 65 a 73% segundo as aldeias).

Todos os Mayoruna viveram no Peru e no Brasil, migrando livremente de um país para outro reagindo a ataques, mortes, etc...

Esse povo ocupa atualmente, no lado brasileiro, uma área que vai aproximadamente das coordenadas geográficas de 06° 42' 45" S e 73° 10' 40" W (cabeceira do igarapé Rodrigues), segue a jusante pelo citado igarapé, até desembocar no rio Javari pelo qual segue a jusante até as coordenadas 05° 39' 40" S e 72° 57' 50" W, (foz do igarapé Ituxi); daí, segue-se a montante pelo igarapé Ituxi até as coordenadas 05° 45' 25" S e 72° 53' 10" W (cabeceira do citado igarapé); daí segue-se por uma linha reta até as coordenadas geográficas de 05° 48' 55" S e 72° 40' 30" W, situadas na cabeceira de um igarapé sem denominação, afluente da margem esquerda do rio Pardo; daí segue-se a jusante pelo citado igarapé até as coordenadas geográficas de 05° 50' 55" S e 72° 30' 35" W, situadas na foz do citado igarapé; daí segue-se a montante o rio Pardo, até as coordenadas geográficas de 06° S e 72° 35' 45" W; daí segue-se até as coordenadas geográficas 06° 42' 45" S e 73° 10' 40" W, cortando pela metade os igarapés Pettacha e Amburús.

Os Mayoruna do Lameirão ocupam uma área de aproximadamente 49.500 ha, situada na área do Javari entre as coordenadas dos extremos : 04° 07' 35" S e 70° 37' 40" W, 04° 28' 40" S e 70° 40' 40" W, 04° 10' 50" S e 70° 33' 55" W, 04° 11' 20" S e 70° 47' 40" W.

Na primeira área estão enterrados os antepassados dos Mayoruna. Os Mayoruna sempre defenderam esse território contra invasores.

Os Mayoruna são semi-nômades e suas roças estão disseminadas sobre distâncias consideráveis. É comum os Mayoruna voltarem a morar perto de roças antigas.

Os limites de uso da terra dos Mayoruna estão definidos pela localização de suas aldeias e roças e pelo uso de seu extenso território de caça. Também, tradicionalmente, eles solucionam conflitos internos colocando uma distância considerável entre os grupos antagonistas.

A caça

A caça constitui um aspecto básico da cultura e da economia Mayoruna. Os Mayoruna são caçadores de animais de terra firme. Esse aspecto de sua cultura e sobrevivência determina o uso de seu território. De fato, a caça preenche as necessidades alimentícias e econômicas de um grupo Mayoruna sob certas condições : para poder viver da caça, uma população deve poder se deslocar e viver em grupos pequenos, porque a caça é disseminada e se desloca. Uma população humana que se alimenta basicamente de caça deve usar um território de caça extenso. Em consequência, é a caça que determina os limites das terras utilizadas pelos Mayoruna.

Histórico e território tradicional

Os Mayoruna estão mencionados desde o fim do século XVII por missionários que situam suas terras nos rios Javari e Tapiche (Maroni : 1889; Veigl : 1785; Zárate, Detré e outros : 1904). Depois desse primeiro contato, muitos Mayoruna desapareceram das missões e se retiraram na mata (aproximadamente 1723).

O padre Fritz (1691) os situa no baixo Ucayali, Amazonas, Javari e Jaquirana, como também entre os rios Javari e Ituí e nas beiras do rio Curuçá.

Os viajantes Spix e Martius (na sua viagem pelo Brasil entre 1817 e 1820) situam os Mayoruna no rio Javari.

Francis de Castelnau (viagem entre 1843 e 1847) os situa nos rios Javari e Jaquirana.

O viajante Caetano Osculati os situa no rio Javari (1847).

Os Mayoruna atacaram no rio Javari em 1852 e, em 1866, destroçaram uma expedição fluvial da Comissão Mixta Brasil-Peru para demarcação de fronteiras.

O naturalista H.W. Bates situa os Mayoruna na margem oeste do rio Javari (1857).

No início do século, os Mayoruna moravam na bacia do Alto rio Javari, nos dois lados do rio. Costumavam fazer roças muito perto das beiras do rio Jaquirana e viviam ali enquanto colhiam ovos de quelônios. No início do auge da borracha (fim do século), os Mayoruna tinham poucos contatos com a sociedade envolvente. Eles a evitavam. No final desse mesmo período (aproximadamente 1920 ou 1930), os Mayoruna tinham contatos intermitentes com a sociedade envolvente. Esse contato fez com que os Mayoruna reduziram seu uso do rio Jaquirana. Depois vem um período de incursões : os Mayoruna roubavam bens, mulheres dos brancos e, em represália, eram atacados. Este período durou até 1969, época durante a qual os Mayoruna estabeleceram um contato não violento com estrangeiros.

Durante todo esse tempo, os Mayoruna conseguiram manter os brancos fora do seu território e suas expedições fizeram com que os brancos abandonassem as terras que ocupavam nas fronteiras do território Mayoruna. Hoje, os Mayoruna têm sempre mais dificuldades em manter a posse de sua terras (entrada sempre mais maciça de seringueiros, madeireiros, etc...).

As roças dos Mayoruna estão muito dispersas e se encontram em di-

versos estágios de plantio, isto porque os Mayoruna migravam continuamente dentro do seu território para evitar ataques de pessoas de fora.

No início do século havia muitas malocas e muito mais Mayoruna que hoje. Com a entrada de seringueiros, a população foi dizimada (doenças, roubo de mulheres e crianças, chacinas, etc...). Os Mayoruna de hoje correspondem ao grupo que conseguiu sobreviver. O sistema de defesa consistiu em migrações e defesa de seu território.

Quando os seringueiros deixaram a região (1920-1930), os Mayoruna estavam reduzidos a um pequeno grupo. Com a saída dos civilizados, os índios se reaproximaram das margens dos rios. Se a população Mayoruna não desapareceu totalmente foi porque os Mayoruna cortaram qualquer relacionamento com os agentes de fora. Isto permitiu o recrescimento populacional, ainda fortalecido pela inclusão no grupo de mulheres roubadas a outros grupos indígenas. Durante este período, os Mayoruna continuaram utilizando seu território tradicional dos dois lados do rio Javari.

Em 1964, uma expedição organizada desde Requena (Peru) atacou o território tradicional Mayoruna do lado do Peru. Os Mayoruna então deixaram esta área por um tempo e migraram para o Brasil. Em 1965, um levantamento efetuado através do SPI (Serviço de Proteção ao Índio, órgão oficial de assistência às populações indígenas antes da FUNAI ser criada) mostra que no rio Javari-Jaquirana havia várias aldeias de aproximadamente 500 índios.

Em 1969, os Mayoruna entraram em contato com o SIL (Summer Institute of Linguistics, entidade de missionários protestantes norte-americanos). Segue um período de sedentarização e concentração da maioria da população Mayoruna perto da base do SIL, no Peru. De fato, o SIL atraiu nesta época uns 600 Mayoruna. Todos eles tinham roças e/ou aldeias no Brasil antes de 1969.

Em 1972, os Mayoruna do lado brasileiro entraram em contato com os trabalhadores da Petrobrás, que estavam pesquisando perto da foz do igarapé Lobo. Neste mesmo período (a partir de 1971), a FUNAI tinha começado trabalhos de atração na bacia do rio Javari.

Os contatos com a sociedade envolvente nos meados da década de 1960 provocaram muitas mortes entre os Mayoruna.

A partir de 1979-80, os Mayoruna vivendo no Peru ou no Brasil começaram as migrações (falta de caça no rio Choba onde se sedentizou a maioria dos Mayoruna atraídos pelo SIL; conflitos com madeireiros peruanos e brasileiros no Alto e Médio rio Jaquirana). Essas novas migrações, que continuam hoje, se fazem de novo do Peru para o Brasil e do Brasil para o Peru.

Pesquisas recentes

O antropólogo José M. Gama Malcher afirma que tradicionalmente a bacia do rio Javari sempre foi ocupada por grupos Pano, os Mayoruna sendo um deles.

Os antropólogos Alberto Chirif e Steven Romanoff consideram que o território tradicional dos Mayoruna inclui, no Brasil, o rio Jaquirana e afluentes e os territórios entre os rios Javari e Curuçá. Segundo S. Romanoff, a referência mais antiga dada por um velho Mayoruna sobre a g-

rea de ocupação Mayoruna coincide com a mesma área que eles ocupam hoje (do rio Curuçá ao rio Galvez).

A antropóloga da FUNAI, Delvair Montagner Melatti, baseando-se no mapa etno-histórico dos índios do Brasil de Kurt Nimuendaju (1944) e em pesquisas bibliográficas, pode afirmar que em 1691, os Mayoruna habitavam ao longo da margem direita do rio Amazonas, em território peruano; desde a foz do rio Napo até à do rio Javari; nos cursos médios dos rios Javari e Curuçá; nos cursos superiores dos rios Itacócaí e Jandiatuba; entre o Alto rio Javari e o rio Ucayali. Menciona também que atualmente há Mayoruna morando nos rios Pardo e Amburús e que há Mayoruna isolados na região do rio Quixito, nos igarapés Samaúma e Pau Mulato.

O antropólogo Terri Vale de Aquino situa Mayoruna isolados nas cabeceiras do rio Pardo e nas cabeceiras dos igarapés vizinhos que correm para o rio Jaquirana.

Atualmente

O SIL vai provavelmente se retirar do Peru em 1984 e sem dúvida muitas famílias Mayoruna vão voltar ao território tradicional do lado do Brasil. Assim a população Mayoruna do Brasil vai aumentar de maneira notável.

O grupo Mayoruna está ameaçado por um projeto de extração da borracha que já está prejudicando o grupo Mayoruna de Santa Sofia.

BIBLIOGRAFIA

OSCOLATI, Caetano - Viaggio sotto l'Equatore, 1847.

CASTELNAU, Francis de - Expédition dans les Parties Centrales de l'Amérique du Sud, Paris, 1851.

RIVET P. e TASTEVIN C. - "Les tribus indiennes des bassins du Purús et du Juruá", Nouvelles géographiques XXXV, Nº 5, mai 1921.

BATES, H.W. - The Naturalist on the River Amazons, London, 1892.

Conselho Nacional de proteção aos índios - Mapa etnográfico do Brasil, organizado por MALCHER, José M. Gama, 1961.

MALCHER, José M. Gama - Índios, Rio de Janeiro, 1964.

LAND, Ney - Relatório geral das aldeias do Sul do Estado do Amazonas, SPI, 1965.

MOREIRA NETO, Carlos de Araujo - A política indigenista brasileira durante o século XIX, São Paulo, 1971.

GROES, Waltraud - "Los indios del Alto Amazonas del siglo XVI al siglo XVIII", Estudos Americanistas de Bonn, Bonn, 1974.

CHIRIF, Alberto e MORA, Carlos - Atlas de comunidades nativas, Peru, 1976.

SPIX e MARTIUS, Viagem pelo Brasil : 1817-1820, Ed. melhoramentos, t.3, 1976.

MELATTI, Delvair Montagner - Projeto de estudo para a eleição de áreas indígenas na bacia do rio Javari-AM, FUNAI, 1980.

COSTA, Sebastião Anácio da - Relatório, FUNAI, 1981.

"Povos indígenas no Brasil", Vol.5, Javari, CEDI, São Paulo, 1981.

AQUINO, Terri Vale de - informações pessoais do antropólogo, 1980.

Pastoral Indigenista da Prelazia do Alto Solimões (AM) - informações, 1982,1983.

MENDEZ, Luis G. Calixto - informações pessoais do antropólogo, 1983.

ROMANOFF, Steven - informações pessoais do antropólogo, 1983.

ROMANOFF, Steven - Esboço de tese de doutorado sobre os Matses, em publicação, 1983.

Novembro de 1983

Claire-Lise Jeanneret Cavuscens